

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **QUATRO NOTÁVEIS BENEFICIADOS DA INSIGNE COLEGIADA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA EM GUIMARÃES. ESBOÇOS BIOGRÁFICOS.**

GONÇALVES, Alberto

Ano: 1932 | Número: 42

---

### **Como citar este documento:**

GONÇALVES, Alberto, Quatro notáveis beneficiados da Insigne Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães. Esboços biográficos. *Revista de Guimarães*, 42 (3-4) Jul.-Dez. 1932, p. 157-160.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Quatro notáveis beneficiados da insigne Colegiada de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>ra</sup> da Oliveira em Guimarães

(ESBOÇOS BIOGRÁFICOS)

(Continuação da pág. 37)

*D. Martinho Afonso Mexia* — natural de Campo Maior (Alentejo) e filho de Martim Afonso do Couto e de Maria Lourença — foi chantre e depois conde de Arganil e bispo de Coimbra, cuja diocese governou 5 anos, tendo tomado posse em 1619, depois de ser cônego beneficiado da Colegiada, de Guimarães. Depois, após a morte del-rei Filipe II, foi governador do reino, deputado da Mesa de Consciência e secretário do Estado de Portugal, em Madrid. Ocupou também a cadeira episcopal de Leiria e, sendo nomeado para a de Elvas, não aceitou tal dignidade.

Faleceu na sua terra natal, sendo sepultado na capela de Nossa Senhora da Piedade, por êle fundada, num rico túmulo do lado do Evangelho e cuja legenda diz:

*Aqui jaz o Illustrissimo Senhor D. Martinho Afonso Mexia, bispo de Coimbra e conde de Arganil, natural desta vila, que faleceu a 30 de Agosto de 1623, sendo governador d'este reino.*

*Esta capela é sua e dos possuidores dos dois morgados que o dito Senhor deu aos seus sobrinhos com jazigo para eles e para os seus successores com obrigação de duas missas quotidianas por sua alma e de seus pais.*

Do lado da Epístola encontra-se gravada a seguinte outra inscrição:

*Martinho Afonso Mexia, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, Comendador de S. Tiago de Miranda da mesma Ordem, Coronel de Cavalaria do Regimento desta Praça, Administrador dos Morgados que instituiu seu tio o Ex.<sup>mo</sup> Bispo-Conde, Governador deste reino, comprou as oito sepulturas unidas que principiam da capela dos sentos (?) até à capela Maior para servirem de jazigo aos*

*possuidores dos ditos morgados: e Diogo Cardoso de Almeida Vale e Mexia, seu sobrinho e 8.º possuidor dos mesmos, vendo que em tão respeitável templo só a sua capela se conservava ainda de madeira (?) a mandou fazer na forma que existe para ficar mais decente e todos os ornamentos correspondentes. Ano de 1791.*

*D. Afonso Furtado de Mendonça* — Nasceu em Monte-mor-o-Novo (Alentejo), em 1567 e era filho de Jorge Furtado de Mendonça e de D. Mécia Henriques. Foi reitor da Universidade de Coimbra, onde estudou, presidente da Mesa de Consciência, conselheiro do Estado de Portugal, em Madrid; em 1615 bispo da Guarda em que foi apresentado por Filipe II e confirmado pelo Papa Paulo V; em 1626 passou para bispo-conde de Coimbra e mais tarde para a mitra de Lisboa, em 1627.

Foi comendador de Entradas, Padrões e Represas, da Ordem de Lisboa, como seu pai, e vice-rei de Portugal desde 1626 a 1630, ano em que faleceu, tendo sepultura na Sé de Lisboa. Esteve em Roma como nosso embaixador (1). Criou-se em Entradas (Alentejo) em casa de seus pais até os 15 anos, e sendo ainda estudante de Coimbra teve a dignidade de deão da Sé de Evora.

\*

\* \*

D. Afonso Henriques foi o primeiro padroeiro desta colegiada, continuando a sê-lo os seus sucessores, o que nos é confirmado por uma carta de Afonso II, na qual afirma que *muito amava e tinha sob a sua protecção a igreja de Santa Maria, de Guimarães, o Prior e os cônegos, por motivo de terem sido padroeiros dela D. Afonso, seu avô e D. Sancho, seu pai*. D. João I reedificou a igreja e fez-lhe muitas dádivas, D. Manuel I deu-lhe objectos de magnífico esplendor. Possuía portanto esta igreja muitas relíquias veneráveis, tais como uma rica custódia de preciosos labores oferecida pelo cônego Gonçalo Anes,

---

(1) Caixa 78, fls. 42 (Reservados), da Biblioteca Nacional.

duas âmbulas de prata com leite da Virgem, uma maço-roca de linho, fiado pelas mãos de Nossa Senhora, e outras de grande valor.

A Padroeira possuía mantos de fina sêda, gibões, mantilhas de caras rendas, véus, *dosseis*, cordões, colares valiosos, gargantilhas, relicários, alambres, cintos, botões de ouro, pérolas, dianianis, aljôfares, vestidos ricamente bordados a ouro, em setim carmezim, amarelo e azul. Até da China veio para a Virgem um paramento de ouro e prata oferecido pelo devoto Manuel Coelho. Afora isto, possuía esta colegiada outros paramentos em tecidos da India, de côres variegadas. O seu pessoal eclesiástico usufruía muitos privilégios.

Com referência ao seu domínio espiritual houve sempre da parte dos prelados de Braga o desejo de invadir a jurisdição dos D. Priores e seus cônegos.

Em 1223 o arcebispo D. Estêvão Soares da Silva veio daquela cidade com gente armada e, encontrando a porta da igreja fechada, arrombou-a. D. Gonçalo Pereira e D. Lourenço Vicente continuaram o procedimento dos seus antecessores. D. Fernando Guerra, neto do conde de Andeiro, em 1431 veio a Guimarães com o mesmo fim e hospedou-se no mosteiro da Costa, e D. Frei Baltazar Limpo, natural de Moura (Alentejo), protegido pelo rei D. João III e pela duquesa de Guimarães D. Isabel, entrou também violentamente na igreja da colegiada, arrombando-lhe as portas. Muito mais havia que dizer, mas fiquemos por aqui.

Porém, o arcebispo de Braga, D. Sebastião de Matos Noronha, reuniu em Guimarães um sínodo. Este prelado morreu depois no cárcere, em 1636, por ter conspirado contra o rei.

Em 1746 outro prelado conferiu ordens sacras na igreja da colegiada. Enquanto D. Afonso Henriques residiu em Guimarães, e enquanto vivo, não se deram aquelas divergências. D. Afonso Henriques mudou para Coimbra e foi cônego terceiro do mosteiro de Santa Cruz, pois aqui havia três categorias desta dignidade: os *terceiros*, que podiam casar e viviam fora da clausura, onde quisessem; os *encheios*, que viviam em comunidade e os *fratres*, que habitavam em suas casas, mas estavam sujeitos à regra e votos.

D. Afonso Henriques assistia com uma certa assiduidade aos actos do culto interno do mosteiro, envergando sobrepeliz e rezava as *Horas Canónicas* com os religiosos.

Era neste mosteiro que êle descansava das lides guerreiras.

P.º ALBERTO GONÇALVES.